

A COMUNI-ACÃO QUE VEM DE DENTRO

*Déa S Melo
Abril/2013



A pombinha voou, sentou
Foi embora e me deixou
Pombinha quando tu fores
Me escreve lá do caminho
Se não tiver papel
Na asa do passarinho

Este verso de uma cantiga de roda de comunidade quilombola do Pará é uma das inúmeras evidências que assim como na natureza, na cultura dos povos se (des)envolvem meios, tecnologias e processos muito avançados e eficientes de comunicação, pois contribuem decisivamente para superar os desafios de sustentabilidade em âmbito global.

No universo dos saberes tradicionais surge a pergunta – afinal, o que queremos captar e informar para sustentar, nesta era de multicrises e inflexão no qual o mundo está mergulhado na atualidade? As coisas, os objetos ao preço da precariedade da ética, dos valores e criatividade humana? ou o bem-estar que vai além do PIB (Produto Interno Bruto) e do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), para conferir índices de felicidade e riqueza plena da mente, do corpo e do espírito em harmonia? Pesquisando a comunicação do não-intencional; que não se reduz à língua estruturada ou a uma ferramenta, tenho conseguido respostas paradigmáticas e coerentes para estas perguntas.

Os povos tradicionais guardam linguagens, canais e tecnologias sociais, que promovem interações entre cultura, natureza e indivíduos; que traduzem e permitem a co-existência entre imaginação e realização; que driblam os labirintos dos grandes sistemas sociais de comunicação (rádio, televisões, jornais, revistas, internet, divulgação pública e comercial) e viabilizam de fato a comunicação que opera a mudança qualitativa; quando enfim somos *comunicados* e comunicadores-as. Isso é Comunicação Criativa, por excelência.

“Ainda não tinha parado para ouvir essas histórias e dançar essas danças de roda, até porque não me interessava em aprender com os mais velhos. Nunca na minha vida, tinha tomado um banho de ervas e eu achei isso muito interessante no curso.

Me sentia como um barco sem comandante. Agora, eu mesma comando meu barco, que vai pra onde eu quiser. E minha vontade é trabalhar com as crianças e jovens, com a presença, claro, dos mais velhos contando sobre as tradições, as culturas e também suas histórias.”

Leila Gomes, 19 anos – Comunidade Quilombola Tiningu/PA: Oficina de Comunic-Ação Criativa Setembro/2007

Menininha muito tímida
Criou asas e voou
Com as danças circulares
Ao seu centro caminhou.

Foi tirando as casquinhas
Passo a passo com amor
Deu origem a guerreira
Icamiaba, sim senhor!



Maria Jovina da Silva, Psicóloga; aluna do curso de formação em Comunic-Ação Criativa ministrado na Escola de Governo do Estado do Pará; Junho/2008 a Junho/2009

Nas danças assim como nos cantos, ritmos; rituais festivos e espirituais; nos mitos, lendas e medicina nativa; nos banhos de ervas; no artesanato; na alimentação cabocla; assim como no encontro e na troca inter-geracional, que se dá naturalmente nas comunidades tradicionais, estão presentes sabedorias, potencialidades, talentos e valores humanos universais, nos quais identifico “velhos-novos” meios de edu-comunicação - comunicação à serviços de uma educação transformadora.

Amazônia, um Laboratório de Comunic-ação Criativa

A impactante biodiversidade amazônica, oferece um surpreendente campo e laboratório avançado de Comunic-Ação Criativa.

No coração da Amazônia, mesmo com acesso a alguma tecnologia de informação, muitos povos ainda conseguem manter suas tradições, inspirando qualquer sociedade, sem fronteiras, pois nesta região o que é mais ancestral é também o mais universal. No dizer do poeta Amazônida Thiago de Melo, “o caboclo ribeirinho vive em permanente estado de solidariedade , embora não saiba soletrar a palavra utopia”.

“A Cotia quando dança põe a mão nas cadeiras
Menina me dê sua mão, vamos dançar a Desfeiteira
Tocador que toca e pára
Tem a mão de capivara
Menina me dê sua mão, vamos dançar a Desfeiteira”

Verso da cantiga da Dança da Desfeiteira, Informante: Conceição Oliveira, 77 anos - Comunidade Quilombola Saracura/PA: Oficina de Comunic-Ação Criativa, Outubro/2007

Nas linguagens humanas das tradições, se compreende por exemplo, que o segredo da dança não está no que é visto a olho nu, mas no imaginário, na percepção do próprio corpo, no movimento interno, nas sensações; que a preservação da natureza é uma questão que interessa às experiências externas e simbólicas da vida e que identidade se revela para além da estética cultural, pois se origina no interior,

nos sentimentos, nas sensações, na postura corporal, no olhar; no que é indissociavelmente transparente em nós.

Este paradigma emergente, dissolve a tensão entre a evolução da tecnociência e a degradação ambiental e humana; não separa Cultura/Natureza, Imaginação/Razão; estimulando o processo de consciência do sujeito, capaz de uma comunicação integrada ao seu contexto de vida, aberta ao diálogo com o outro e à mu-DANÇA. Está sustentado nos quatro pilares básicos e interdependentes orientados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, para atender os desafios do Séc. 21: Aprender a Saber – Competência Cognitiva, Aprender a Fazer – Competência Técnica; Aprender a Ser – Competência Humana e Aprender a Conviver – Competência Social.

No círculo da dança tradicional, bem como nos ritmos naturais do plantio, da colheita ou da pesca e da caça; das fases lunares e das marés; das estações do ano, descobrimos a nós mesmos e ao outro – dons, talentos, potencialidades, criatividade, ética, estética; e também limitações, desafios, contradições, como uma sabedoria orgânica e universal, que entende diferença como diversidade e não como separatividade.. Assim, quando aprendemos ou melhor recordamos e acessamos informações de nossa herança humana, que escapam das transmissões pelas linguagens estruturadas, ao dançar, cantar, tocar um instrumento, fazer um artesanato, comer um alimento típico de uma tradição, fortalecemos de fato, nossa identidade, elevamos nossa auto-estima, e desses povos; nos comunicamos. Desta forma contribuimos para influenciar políticas públicas, a vida social, comunitária, profissional, familiar e pessoal.

A abordagem transdisciplinar, dá uma contribuição fundamental para o advento desse novo tipo de edu-comunicação. Somos

convidados a construir coração e as mãos (o de uma maneira dinâmica e participativa. o corpo e a sensibilidade de buscar, receber e Nestas linguagens, corporais estimulantes; o tradição oral em histórias, pelos cantos, ritmos, brincadeira “séria” nos



Foto: Helder Messias

simbólicos das culturas; a voz eloquente dos instrumentos musicais, dos sons e elementos da natureza, numa impressionante síntese do viver criativamente, graças a uma comunicação plena com o TODO..

todos aprendizes, pontes entre o intelecto, o pensar, o sentir e o agir) eminentemente vivencial, A intuição, o imaginário, são incluídos no processo transmitir conhecimentos. descobrimos exercícios poder arquetípico da lendas e mitos; a cura encantarias e sonhos; a brinquedos e objetos

“É muito importante resgatar nossas tradições. Temos que valorizar e tentar buscar lá no fundo algo melhor para cada um de nós. Se trabalharmos juntos em busca disso vamos conseguir. Me sentia uma pessoa vazia, por não saber o quanto é importante valorizar as tradições dos antigos”

Samara , 16 anos - Comunidade Quilombola Tinguá/PA: Oficina de CC, Setembro 2007

*Comunicadora Social; Jornalista; Arteducadora; Pesquisadora das Danças Sagradas e Tradições do Povos; Criadora da metodologia Comunic-Ação Criativa. Contato: deasmel@gmail.com / Belém - PA